



Castello e porto de Dover.

A cidade de Dover, situada a 110 kilometros E. S. E. de Londres, sobre a Mancha e em frente de Calais, é um dos cinco principaes portos da Inglaterra. Está assentada em um grande valle rodeado de um semi-circulo de montanhas, no cume de uma das quaes se eleva a sua antiga e bem construida cidadella. A população regula por dezeseis mil almas.

A vasta bahia que possui, as soberbas collinas cobertas de selvas e a excellente agua concorreram, sem duvida, para os Bretões ali se estabelecerem.

Os habitantes d'estas costas foram outr'ora celebres pelo seu caracter bellico; e quando Julio Cesar, á frente de um numero de exercito invadio a Gran-Bretanha, encontrou nas montanhas de Dover um grande numero de homens que se oppozeram energicamente á sua entrada. Não obstante, a cidade, apesar do esforço de seus habitantes, vio-se em pouco tempo submettida ao jogo dos Romanos, que muito a aformosearam, e supõe-se mesmo que no lugar onde hoje se vê a moderna fortaleza, existia outra construida por Julio Cesar. Dover desde logo adquirio grande importancia pela sua magnifica situação na costa e proximidade da Gallia, e ainda hoje é o ponto principal de communicação entre a Inglaterra e o continente.

No tempo dos saxonios esta cidade gosava de muitos privilegios importantes. Todos os seus habitantes depois de um certo numero de annos em que pagavam impostos ao rei, eram isentos de to-

do o direito de portagem no resto da Inglaterra. Segundo alguns velhos chronistas, os mensageiros que se dirigiam a França, pagavam seis soldos pela passagem de um cavallo no inverno, e quatro soldos no verão; a gente da cidade era obrigada a procurar um barqueiro e um ajudante; se, porem, se exigia um maior numero de homens, o rei fornecia-os á sua custa. É o mais antigo regulamento que existe sobre o preço da passagem de Inglaterra para França.

No reinado de Henrique III, o preço da viagem era de dois schellings para um cavalleiro e doze soldos para um peão. Ricardo II fez uma lei que impunha a todos os estrangeiros, fossem peregrinos ou viajantes, de embarcarem e desembarcarem neste porto.

Era em Dover que em tempo de guerra se juntavam as frotas e os exercitos que se deviam dirigir contra a França. Em 1189, o bravo Ricardo I, cognominado Coração-de-Leão, embarcou neste porto, para ir combater os infieis e apoderar-se de Jerusalem. Seguiram-n'o com naus e oitenta galéras, e nesse mesmo dia desembarcou em Gravelines. Foi neste mesmo porto que o fraco monarcha João-sem-Terra, convocou os condes, barões e cavalleiros do reino, e reunio todas as suas forças de mar e terra para se oppor ao desembarque de Philippe Augusto, que, segundo as ordens do papa Innocencio III, se dispunha a invadir a Inglaterra.

Em 1216, Luiz, delphim de França, desembar-

cando em Stonar, perto de Sandwich, e havendo-se assenhoreado de muitas praças fortes, sitiou o castello de Dover; mas não pôde tomal-o. No reinado de Eduardo I, uma grande parte da cidade, assim como muitos conventos, foram incendiados pelos Francezes. Quando o imperador Sigismundo foi visitar, em 1416, seu primo Henrique V, o duque de Gloucester, e muitos outros senhores, esperaram-no armados na praia, afim de lhe embargarem a entrada na cidade, no caso que elle mostrasse intenções hostis. Em 1520, o imperador Carlos V foi recebido em Dover pelo rei Henrique VIII, e os dois soberanos partiram juntos para Cantorbery afim de ali celebrarem as festas do Pentecostes. Henrique, convencido da importancia de Dover, que se chamava então a chave do reino, contribuiu com oitenta mil libras sterlingas para a construcção de um molhe que se concluiu no tempo de Isabel. Em 1814, o principe regente, depois Jorge IV, acompanhou Luiz XVIII até Dover, quando este principe foi tomar posse do throno de seus paes.

Do cume das montanhas que, em semi-circulo, rodeam a cidade, avista-se ao longe o mar e a costa de França. Dover é uma cidade bem edificada; encontram-se ali construcções modernas muito elegantes. Uma rua, que tem mais de uma milha de extensão atravessa-a de uma a outra extremidade, e as outras ruas são todas mui limpas, largas e ornadas de magnificos edificios. Os seus arrabaldes são deliciosos, e em toda a parte encontram-se pontos de vista admiraveis.

No cume de um rochedo, como acima dissemos, da altura de quinhentos pés, pouco mais ou menos, vê-se a cidadella chamada Shakspeare, que domina a cidade e está bem fortificada. Uma parte das suas fortificações são de origem normanda; mas trabalhos recentes attestam os receios que inspiraram ao governo inglez, os preparativos que Napoleão fizera em Bolonha, para fazer uma visita á sua rival. Os viajantes notam sempre com interesse uma escada em espiral praticada na rocha, pela qual se desce do castello para a cidade.

Esta cidadella em todos os tempos, por assim dizer, inexpugnável, foi tomada por doze homens no tempo de Carlos I. Um ousado republicano chamado Drake, escalou o rochedo, e dirigio por tal forma o seu ataque, que a guarnição realista julgou ter um exercito em sua presença e entregou-se á discreção.

ESTUDOS SOBRE A CIDADE DO PORTO

I

Antiguidade d'esta cidade

A famosa cidade do Porto, a segunda do nosso paiz, e uma das principaes entre as de segunda ordem na Europa, notavel por muitos motivos, não é d'aquellas, cuja origem se perde na obscuridade dos tempos, como a de Lisboa, Setubal, Marselha, e a de muitissimas outras. Póde-se provar até á evidencia, que mesmo no tempo dos romanos o local, em que seculos depois se fundou esta cidade, não passava d'um terreno

inculto e despovoado, ou, quando muito, d'uma insignificante povoação de pescadores. Essas diferentes opiniões que remontam a origem desta cidade até os tempos fabulosos, nem se quer merecem a honra da refutação. A cidade do Porto, patria do infante D. Henrique, e de Garrett, constante propugnadora da liberdade, assidua introductora da civilisação em o nosso paiz, adquirio a nobreza por seus proprios feitos, não ha mister vangloriar-se de genealogias fabulosas, (1) e de bom grado cede taes honras a esses nescios presumidos, que inhabeis para attrahirem pelos meritos pessoaes as atenções ou respeitoes, pretendem obtel-os fazendo-se passar para com o vulgo ignorante de descendentes, pelo menos, dos antigos *portucalenses*, que da nossa Peninsula expulsaram os Mouros.

Houve uma epoca, (bem conhecida é ella pela existencia dos Britos, dos Lousadas, dos Cerqueiras Pintos, e de tantos outros), em que as cidades, desprezando suas proprias glorias, só aspiravam á de terem por seus fundadores um filho, ou, pelo menos, um neto de Noé. (2) Tal época passou, e nunca mais ha de voltar; porque a humanidade, abrindo cada vez mais os olhos, ha de procurar uma gloria solida, e não ficticia; inabalavel, e não cadente á applicação da regra mais somenos da critica. Pódem, porém, as fabulas e patranhas d'esses tempos servirem aos poetas e romancistas, verdade já conhecida no tempo de Tito Livio; e por isso d'ellas farei breve menção, lamentando ao mesmo tempo que engenhos, aliás distinctos, tivessem perdido tão inutilmente seu tempo: tão difficil é ser qualquer superior ás preoccupações do seu seculo!

Uma d'ellas attribue a fundação da cidade do Porto aos Gregos da provincia da Thracia que habitavam nas margens do rio Axio, aos quaes denominavam *Mydones*. Querem que estes Gregos, impellidos por uma furiosa tempestade, appor-tassem á Foz do Douro, e subindo por elle, tivessem ido até Gaia, e d'ahi passando para a parte septemtrional, nella fundassem uma cidade com o nome de Lavra, que com o decorrer dos seculos veio a corromper-se no de *Portucale*.

Outros, achando ainda pequena uma tal antiguidade, escreveram ter sido o seu fundador Gathello, filho de Neolo, rei d'Athenas, pois que, fugindo á crueldade de seu pae, passára ao Egypto no tempo de Moysés, onde servira a Faraó contra os Ethiopes, e em remuneração de seus serviços, o rei do Egypto o casára com uma filha chamada Escota; e que, embarcando-se sem demora com ella na companhia d'um grande numero de Egyptios, fôra procurar novas aventuras, e depois d'uma prolongada navegação pela Costa d'Africa, e pelo Meidterraneo, passado o Estreito de Gibraltar, chegára ao sitio, onde actual-

(1) É realmente pasmoso o grande numero de obras genealogicas, que se escreveram nos dois ultimos seculos precedente ao nosso. A maioria d'ellas existem ineditas: mas uma tal falta de publicação de modo algum affecta a nossa litteratura. Porém para se ver a critica, que n'ellas reina, omittindo o de muitas outras, citarei o titulo do codice n.º 223 da Bibliotheca Publica Portuense—*Declaração genealogica em que se prova que o illm. e exm. sr. Luiz Pinto de Sousa, morgado de Balsemgo descende dos imperadores de Allemanha, de Constantinopla, de Roma etc. etc. por 813 linhas!*—Tenho noticia de muitas outras no mesmo gosto.

(2) É por isso com razão que o sr. Alexandre Herculano diz ironicamente na sua introdução á Historia de Portugal: «A gente portugueza achou-se uma das mais antigas do Universo, descobrindo o seu berço nos cimos do Ararat, donde os filhos de Noé desceram a repórvoa a terra.»

mente está o Porto, e aqui fundára esta cidade, a que deu o nome de *Porto Gathello*, em memoria do seu nome, e aos habitantes chamára *Escocezes* em lembrança de sua mulher.

É a terceira opinião, que Diomedes, (3) rei de Etholia, um dos principaes capitães de Troia, navegára pelo Mediterraneo até sahir pelas Columnas de Hercules para o Oceano, e, abordando á foz do Douro, desembarcára na parte septentrional, e ali depois de longa demora, lançára os fundamentos d'uma povoação, que com o andar dos tempos se chamou Gaia, e seus habitantes Grajos, por descenderem dos Gregos, fundadores desta cidade, e tambem por se chamarem *Grecaños* seus ritos e costumes.

Querem outros que Meneláo, irmão de Agamemnon, e marido de Helena, o causador da destruição de Troia, desterrando-se de sua patria, passára do Mediterraneo para o Oceano, e navegando até as alturas do Porto, aqui fundára esta cidade, cingindo a para sua defesa de fortes muralhas.

Ha outros, que, afastando se inteiramente destas opiniões, seguem a de que a fundação desta cidade deve ser attribuida aos Gallos Celtas, asseverando terem estes passado o Alemtejo para a Estremadura na companhia dos Turdetanos, e que, depois de conquistarem as provincias da Beira e Minho, levantaram para defesa o castello de Gaia, e depois, passando para o norte, fundaram uma cidade, que chamaram Portucale. Já se vê que estes fautores d'uma tal opinião não se mostram tão lidos em Virgilio e Homero, como os antecedentes, attribuindo tal fundação aos tempos heroicos.

Pondo, porém, termo a uma tal colleção de disparates basta só dizer que ha ainda quem attribua a Julio Cesar o principio do Porto, dizendo terem-se encontrado umas letras antiquissimas na cathedral desta cidade, que juntas queriam dizer Julius. Ainda ha quem apresente por fundador a Noé; e tambem a Calais, filho de Boreas, rei de Thracia, argonauta, que tinha fundado muitas cidades em diversos lugares, depois do decantado vellocinio d'ouro da ilha de Colchos; e que era de toda probabilidade ser o nome Gaia derivado de Calais pela semelhança, que os nomes tinham entre si.

Eis as opiniões, que em diversos tempos appareceram a respeito da fundação desta cidade: quasi todas ridiculas, e abaixo da critica.

Existiria porém está cidade, ou mesmo povoação pequena em tempos remotos? Não: porque della não fazem menção nem, ainda mesmo de baixo de qualquer outro nome, nem Ptolomeo, nem Strabon, nem Pomponio, nem Plinio, nem Deão Cassio. E tambem não em tempo dos imperadores, porque fazendo-se em differentes épocas divisões administrativas na Hespanha, (4) e devendo a cidade do Porto ficar incluída em alguma d'ellas, em nenhuma apparece mencio-

nada, ao passo que se falla do rio *Durius*, que a banha.

Temos ainda outra prova no Itinerario de Antonino. Nesta obra descrevendo-se a *via militar* de Lisboa a Braga, *ab Olisipone ad Bracharam Augustam*, medem-se do modo seguinte as distancias de varias povoações do nosso paiz n'aquelle tempo:

Jerabricam (Alemquer)	M. P.	XXX
Scalabin (Santarem)	M. P.	XXXII
Cellium (Ceice)	M. P.	XXXIII
Conimbricam (Condeixa Velha)	M. P.	XXXIV
Eminium (Ageda)	M. P.	XL
Talabricam (Aveiro) (5)	M. P.	X
Lancobricam (Feira)	M. P.	XVIII
Cale (Gaia)	M. P.	XIII
Bracharam (Braga)	M. P.	XXXV

E nem palavra de povoação alguma, que estivesse situada no lugar, em que hoje vemos a cidade do Porto, approximadamente no anno 160 de Christo, em que se diz ter sido escripto este itinerario.

Por conseguinte nem em epochas anteriores, nem em tempo dos Romanos existio povoação no sitio do actual Porto. Havia então uma povoação chamada *Cale*, mas no lado opposto, no sitio a que hoje se dá o nome de Castello de Gaia, (6) e talvez tambem pela sua encosta e margem do rio. (7)

Esta povoação chegou a ser importante por causa do grande numero de embarcações, que a demandavam para transacções commerciaes, e d'aqui lhe proveio o nome de *Portus Cale* (Porto de Cale), que mais tarde se converteu no de Portucale, Portugale, e Portugal, nome que tambem passou para a diocese, e mais tarde para um territorio mais amplo do que a diocese. (8) Visto ser uma povoação importante havia mister de fortificações para resistir a qualquer invasão dos povos que a demandavam, e teve-as com effeito, pois se acha nos antigos escriptores *Portucale castrum antiquum*, e d'ella nos faz menção Idacio, pelos annos de 457, 459, e 461 depois de Christo.

Eis agora o que nos diz D. Fr. Francisco de S. Luiz a respeito do começo do actual Porto:

«Era natural que na margem opposta do rio, ao norte d'elle, se fosse pouco a pouco estabelecendo, (como em semelhantes circumstancias costuma acontecer), outra igual povoação, tanto para commodidade dos povos, que habitavam uma e outra margem, como para facilidade do trato commercial e maritimo com as terras, que ficavam mais ao interior das provincias, que o rio separava e demarcava. Neste lugar, e no mais alto delle se fundou tambem castello para defesa, segundo a pratica d'aquelles tempos. E, como pelo decurso dos annos crescesse e prospe-

(5) Na edição deste Itinerario por Wesseling (Amsterdão, 1735) vem marcadas as distancias do seguinte modo:

Eminio	M. P.	X
Talabrica	M. P.	XL

(6) Nem vestigios existem presentemente deste castello e povoação antiga, que mais tarde teve a honra de dar o nome a todo o paiz. Ficava fronteira á parte da cidade chamada hoje Massarellos.

(7) A existencia de Cale (hoje Gaia) fronteira á cidade do Porto no tempo dos Romanos é ao reconhecida em uma inscripção achada em Roma Sepulchral de um Hespanhol que se diz casado com Claudia Lupa *Calense*. J. P. Ribeiro. Reflexões historicas. Part. 1.^a pag. 16.

(8) V. Fr. Francisco de S. Luiz no vol. 12 das Memorias da Academia.

(3) Todas estas opiniões veem mencionadas pelo padre Agostinho Rebello da Costa na sua obra—Descrição da cidade do Porto—impressa no Porto em 1789.

(4) Estas divisões foram tres. A primeira depois da segunda guerra Punica, sendo expulsos da Hespanha os Carthaginezes, sendo então dividida em Citerior e Ulterior. A segunda no tempo de Julio Cesar imperador, em tres provincias, Betica, Tarraconense e Lusitania. A terceira em tempo de Constantino em seis, Betica, Lusitania, Galliza, Tarraconense, Carthaginense e Tingitana. É duvidoso se por esta occasião ainda teve por setima provincia as Baleares. V. Antonio Pereira de Figueiredo no vol. 9.^o das Memorias da Academia.

rasse mais esta povoação, foi ella tomando, e ficou conservando quasi exclusivamente, a denominação de *Portus Cale*, designando-se nos antigos documentos ora com este simples nome, ora com o de *Castrum Portucale*; ora com o de *locus Portucale*, e chamando-se talvez *castrum novum* para differença do outro *Portucale*, que se dizia *Castrum antiquum*. (9)

Este mesmo lugar continuou a crescer em povoação, e chegou a ter igreja cathedral, e bispo, de sorte que já no Concilio III Tolentino, celebrado no anno de 589, anno 4.º do Rei Recaredo, se nomea *Portucalese*, tanto o bispo catholico Constancio, que a elle assistio, como o bispo Aiano, intruso por Leovigildo, que ali abjurou a heresia. E d'ahi em diante nos concilios Toletanos, no Bracarense provincial III, e em outros escriptos se acham frequentes subscrições, ou memorias, dos bispos portucalese, assim denominados da cidade capital, que deu o nome á Sé, e da qual se estendeu (como era pratica) a toda a diocese, que tambem se chamou *Portugallense*.»

O sr. Alexandre Herculano inclina-se a crer que esta cidade começou a ser habitada, quando as conquistas dos christãos se dilataram até o Douro. (10)

Seguiu-se uma longa serie de annos, mas a historia tem de ficar muda por falta de documentos; sabe-se apenas o nome de alguns bispos do Porto, que assistiram nos concilios celebrados pelos Godos.

Chegou a época, em que a Peninsula tinha de ser invadida pelos Arabes chamados pelo conde Julião, e dirigidos por Muza. «Os Godos tinham perdido aquella energia militar, que os tinha feito tão terriveis, quando eram povo conquistador. Tinha-se ella já enervado, desde que a velha espada gothica se tinha submettido ao báculo episcopal, e sobre tudo desde que se tinham entregado aos gosos e deleites da vida molle e delicada.» (11) Na batalha de Guadalete (12) ficou completamente destruido o poder Christão, e tudo ficou sujeito ao dominio sarraceno, que não foi tão oppressor, como os christãos quizeram fazer acreditar, sendo os Mouros tolerantes e generosos para com os vencidos, permittindo até que estes seguissem a religião Christã e tivessem templos. O Porto teve tambem de succumbir, e com effeito cahio em poder dos vencedores no anno 716, conquistado pelo general Arabe Abdelaziz. Alguns annos depois foi a cidade libertada por D. Affonso I, rei das Austrias, (13) porém o receio de que ella fosse de novo invadida, fez com que a despovoasse de christãos, levando-os para o interior do reino. Tornou a ser povoada por Affonso III, e debaixo

do governo de seus successores se conservou até o anno de 987, tendo neste intervallo seis bispos, pelo menos titulares.

Por este tempo era a nova povoação chamada Portugal tão insignificante, que D. Ordonho II de Leão na doação, que fez no anno de 922 ao bispo de Coimbra D. Gomado, e ao seu Mosteiro de Crestuma lhe dá o titulo de *villa*, titulo, que pela mesma occasião dava a Lever, Arnellas, Ovar e Paradella, (14)

De novo tornou o Porto a cahir debaixo do jugo sarraceno. Almançor então regente do reino de Cordova por Alcoa, viuva de Alken II, de quem era mordomo, na menoridade de Heschen II tinha invadido os estados do rei de Leão nos annos 975, 976 e seguintes e n'um delles (parece que em 987) se apoderou do Porto. (15)

Diz o illustre João Pedro Ribeiro «que a cidade não se conservou por muito tempo em poder dos Sarracenos, por quanto os filhos do conde D. Gonçalo Moniz passando a Gasconha ali apromptaram uma armada, com que entraram nas aguas do Douro, e reconquistaram o territorio. Este facto é por uns attribuido á Era 1037 (anno 999) por outros á Era de 1060 (anno de 1022). Nesta armada se affirma terem vindo Nonego e Sesnando; dizendo-se este ser filho do mesmo D. Gonçalo Moniz, succedendo um ao outro na Prelasia do Porto. O primeiro, a que tambem dão o nome de Inigo, assigna em uma escriptura, *Ennegus Portugalensis sedis Episcopus*, na Era 1063 (anno 1025).» (16)

Na historia antiga do Porto é a entrada dos Gascões um dos successos mais notaveis, mas que infelizmente não póde ser bem comprehendido por falta de documentos authenticos que o confirmem.

Da rua Chã para o Largo da Sé passava-se por debaixo d'um arco de época remota, conhecido pelo nome de *Arco da Vandoma*, cuja fundação era attribuida a estes Gascões. (17) Foi demolido em 1855: ignoro com que fim, mas não o posso attribuir a outro, senão ao furor que se apossou da geração actual, o de demolir tudo que apresente vestigios d'antiguidade.

Mostrei pois, fundado em escriptores veridicos, que o Porto actual não existia como cidade no

(14) Id. id.

(15) Id. id.

(16) Id. pag. 10.

(17) No alto do Arco da Vandoma havia uma capella, na qual estava uma imagem da Senhora, conhecida por uma tal invocação, que donotava a maior antiguidade. Em 1855, por occasião da demolição do arco, foi esta imagem levada para uma das cappellas do claustro da Sé, onde se lhe estabeleceu uma confraria com o fim de fazer annualmente uma festividade a esta imagem. No acto de se remover a imagem do altar, onde esteve por tantos seculos, encontrou-se uma ambula, da qual passo a fazer descripção, segundo as informações dadas pelo sr. Henrique Cherubini Lagós, paleographo da Misericordia do Porto, e pessoa amante das nossas antiguidades nacionaes, e que a possui actualmente. «Esta ambula é pouco maior do tamanho d'uma noz grande: segundo parece é feita de pão de pereira: divide-se ao meio por uma rosca: dentro contém um vaso de chumbo: este divide-se em dois repartimentos: o primeiro e superior contém dentro uma materia esponjosa, da qual rescende ainda um aroma agradável: no repartimento inferior e mais pequeno vêm-se adheridas as paredes internas particulas de saiva. Parece ser uma ambula de bispo. Sobre a face inferior vê-se dentro d'um circulo, símbolo heraldico da igreja, uma aguia imperial de duas cabeças, sustensa no ar, e com as garras abertas: no campo do escudo ovado se notam ainda restos d'ouro.»

Na opinião do possuidor desta antigualha, é ella um monumento heraldico, e a aguia de duas cabeças significa a reunião de dois imperios o do Oriente e o do Occidente, conquistado por Carlos Magno; o que então constituiria o sello das authoridades ecclesiasticas francezas.

Este arco da Vandoma era no tempo da sua fundação uma das portas da pequenissima cidade d'aquelle tempo.

(9) É inutil dizer que destes tempos quasi nada resta no Porto. A maior antiguidade desta cidade é a igreja de Cedofeita, mas esta ficava a distancia do Porto antigo. Inclino-me a crer que esta igreja é anterior ao dominio dos Mouros, embora o sr. A. Herculano n'uma carta dirigida ao conde de Raczynski siga opinião contraria. Aquella architectura não parece de época posterior. Algumas paredes da Sé datam de tempos proximos ao conde D. Henrique. Eis o que esta cidade offerece de maior antiguidade. A respeito do demolido Arco de Vandoma (*Vandome*) fallarei adiante.

(10) Ha quem diga que os Christãos levantaram um castello no lugar, em que hoje se eleva a cathedral, para se defenderem contra as forças de Attaces, rei dos Alanos, que os queria despojar de seus estados.

(11) Lafuente. Historia d'España. vol. 2.º pag. 468.

(12) Actualmente *Xeres de la Frontera*.

(13) João Pedro Ribeiro. Dissertação historico juridica pag. 9.

tempo dos Romanos; que no seculo V, em tempo dos Suevos, começam os escriptores a mencioná-la como povoação d'alguma importancia; resta, porém, ver se é possível esclarecer alguma

coisa esta entrada dos Gascões no Porto, entrada toda envolvida em trevas, e que será o assumpto do seguinte artigo.

MANOEL BERNARDES BRANCO.



O folguedo dos camponeses (Quadro de Van-Ostade)

Adriano Van Ostade, pintor da escola hollandeza, foi um dos artistas que mais se distinguiram na representação fiel de scenas da vida commum. Em todas as suas produções se encontra a par de um colorido soberbo, a firmeza do desenho, graça e, sobretudo, muita verdade.

A nossa gravura é copia de um quadro mui estimado deste artista, que existe na galeria nacional de Londres. Representa tres velhos camponeses assentados em torno de uma mesa, contentes, alegres, um fumando, outro bebendo e o terceiro tocando. «Um cuidadoso exame deste quadro obrigará o expectador a confessar que a expressão das tres figuras é admiravel: a viva e expansiva satisfação do homem da saude contrasta excellentemente com a complacencia silenciosa do homem do cachimbo, e ao mesmo tempo parece produzir

no tocador uma grande dose de satisfação, que se manifesta através de uma seria gravidade artistica. Além desta notavel expressão das figuras, ha tambem que admirar neste quadro a bem combinada disposição do claro-escuro e a extrema fidelidade da perspectiva. O estylo da execução é acuradamente aperfeiçoado, e isento de superfluos e desnecessarios accessorios.»

A TORRE DE LONDRES

(Conclusão)

Lord Russell, condemnado como cúmplice de Montmouth, e que os proprios juizes não julgavam criminoso, escolhera para advogado sua mulher, porque, dizia elle, reunia aos conhecimentos de um homem a terna afeição de uma esposa;

quando desta se separou, um pouco antes de subir ao cadafalso, disse a Burnet, que lhe assistiu nos ultimos momentos: «Eis passada a afflicção da morte!»

O conde d'Essex, preso tambem por esta conspiração, achando-se por obra cruel do acaso no mesmo quarto donde seu pae fôra conduzido ao supplicio, e onde lord Northumberland, avô de sua mulher, se suicidára, sentio uma tão forte impressão que se degolou com uma navalha de barba. Era este o mesmo Arthur que, muito novo ainda, mostrara uma coragem tão notavel no cerco de Gloucester, em 1651.

A ultima execução que teve lugar n'aquelle edificio, regado com o sangue de tantas victimas, foi em 1747, quando cortaram a cabeça a lord Lovat por ter conspirado a favor da familia exilada; os seus cúmplices, lords Kilmarnock e Balmerino, tinham perecido no anno precedente; desta época em diante a torre tem servido para varios usos, não deixando, comtudo, de ter sido sempre a prisão destinada para os criminosos de alta traição.

Depois de rapidamente termos tocado nos principaes pontos historicos deste notavel edificio, passemos á sua descripção.

O terreno occupado por esta immensa construção, os edificios exteriores e um certo espaço que o rodeia, forma um districto particular, chamado —immunidades da torre. A jurisdicção e privilegios deste districto são independentes da cidade de Londres; mas, os seus limites e a natureza dos seus direitos, tem sido uma origem continua de discussões, interminaveis talvez, porque a questão não parece ainda bem esclarecida. Um *constable*, cujas funcções são tão antigas como a torre, governa a praça; gosa de privilegios e de consideraveis emolumentos e recompensas de serviços importantes, talvez arrancados pela ambição dos governadores á fraqueza dos reis no meio das agitações.

Existe uma lista authentica de cento e dezoito *constables*, desde Geoffrey de Mandeville, o primeiro de todos em 1066, até o duque de Wellington. Encontram-se entre elles, homens da mais elevada jerarchia. A guarnição desta fortaleza é sempre grande. As fortificações foram reparadas no fim do seculo passado, pelo receio mal fundado de uma sublevação; tomaram-se logo todas as precauções para tornar inuteis as tentativas que o espirito bulicoso d'aquelle tempo podesse fazer presentir.

As muralhas cercam um espaço de perto de 5,260723 hectares; o fosso que as rodeia, cujo aspecto é o de um pentagono irregular, tem 31 metros de largura em alguns sitios; está separado do Tamisa por um caes ou plataforma. Do lado do meio dia, estão as bocas de fogo, que costumam salvar nos dias de festa. A entrada principal é defendida por duas torres bem construidas. Out'ora antes da ponte tinha uma barbacan; mas hoje não existe vestigios alguns d'ella.

No centro da fachada do meio dia está a torre

de S. Thomaz, chamada a *porta dos traidores* por causa d'uma passagem de abobada que comunica com o rio e por onde se introduziam os prisioneiros. Esta porta está bem conservada e offerece um modelo da architectura do tempo de Henrique III; mas hoje não se faz uso d'ella: collocou-se ali uma machina hydraulica para serviço da guarnição.

A torre branca, o principal edificio, é quadrangular, e conta cento e sessenta pés de comprimento sobre noventa de altura; está collocada no centro de todas as outras construcções. Dos lados do norte e sudueste vêem-se torres quadradas, que se elevam a grande altura; a que está no angulo do nordeste é circular e contém a escada principal; o lado opposto termina em um grande semi-circulo. Neste angulo ha tambem uma torre para corresponder ás outras tres: estas quatro torres dão á cidadella um caracter particular. O seu nome deriva do uso em que se estava de embranquecel-a de tempos a tempos; o que é provado por um documento muito curioso do anno 1241, escripto em latim, que contem varios regulamentos sobre as reparações da torre. Tem tres andares; mas o tempo e as successivas mudanças tem feito quasi desaparecer todos os vestigios da primitiva architectura. As muralhas não tem menos de quinze pés de espessura na sua base, e doze nos andares superiores; cada um dos andares está dividido em tres aposentos; tres subterraneos abobadados, que nada tem de notavel, servem de armazens. O mais pequeno aposento a rez do chão, é de abobada; é muito simples, mas curioso pela sua antiguidade. Uma porta occulta dá entrada para um quarto escuro, construido na parede, de dez pés de comprido, sobre oito de largo. Dizem que este quarto foi occupado por Walter Raleigh, e que foi ahi que elle escreveu a sua historia do mundo. Não ha duvida que servio de prisão. Distinguem-se ainda em um dos lados da porta varias inscrições traçadas por tres individuos presos como cúmplices da revolta de sir Thomas Wyatt em 1553. Os andares inferiores servem de arsenal. Existem ahi uma grande collecção de armaduras de diferentes seculos e outras curiosidades militares.

A capella real dedicada a S. João, o Evangelista, é no primeiro andar; uma das suas naves entra pela muralha e estende-se de norte para sul, rodeada pelo semi-circulo de que atraz fallamos. As paredes da capella foram inteiramente cobertas de gesso, o que faz com que se não veja o primeiro trabalho; mas axaminaram-n'a com muito cuidado, e tiraram o gesso em varios sitios. O trabalho é solido, bem executado, e o monumento offerece no seu todo um magnifico resto d'architectura normanda. Ignora-se a época precisa em que o capellão, estabelecido por Henrique III, cessou as suas funcções; mas, é certo que no reinado de Carlos II uma parte dos archivos estava, como hoje, neste lugar. Dois quartos do segundo andar merecem ser notados; o maior denomina-se salla do conselho; suppõe-se que ali

tinham lugar as sessões quando o rei habitava na torre. Tudo aqui apresenta signaes de antiguidade, que estão perfeitamente em relação com o resto do edificio. A maior torrinhã servio de observatorio até a construcção do de Greenwich. No angulo de nordeste do pateo interior está situada a capella de S. Pedro, que foi construida no tempo de Eduardo I, sobre as ruinas de uma antiquissima capella.

Havia outr'ora por detraz desta capella um pequeno eremiterio a miude mencionado nas memorias do tempo de Henrique III; o eremita recebia um penny por dia da munificencia real.

No lado do sul da torre branca encontram-se juntas as armaduras dos reis e cavalleiros inglezes, entre as quaes se distinguem as de Henrique VIII, Carlos I, conde Essex, etc. O arsenal da rainha Isabel é um edificio que se acha na frente da torre branca. Vêem-se ainda os restos de treze torres, que serviam para defender o pateo interior, em uma das quaes se suppõe que teve lugar o assassinio dos principes Eduardo V e duque de York.

FRANCISCO PIZARRO

(Continuação)

IV

No meio d'esse bando de ignobeis aventureiros, que arvoraram a bandeira hespanhola na America do Sul, alguns dignos gentis homens havia que ainda conservavam no fundo d'alma brios e pundonor. Distinguiam-se entre elles Fernando Pizarro, filho legitimo do fidalgo de quem era o nosso heroe bastardo, e Fernando Soto, valente official, costumado a militar nas fileiras heroicas dos soldados do Grão-Capitão. Esses dois tinham sido desviados por Francisco Pizarro, que sabia não os poder ter por cúmplices no acto nefando que praticava. Por isso, assim que resolveu suppliciar o inca, enviou seu irmão para a Europa, e mandou Fernando Soto governar Caxamalca. Apesar d'isso alguns outros officiaes indignados protestaram contra uma violação tão atroz do direito das gentes e ainda que esses protestos foram vãos, comtudo bastaram, como diz acertadamente Robertson, *to save their country from the infamy of having perpetrated such a crime.* (1)

Entretanto Pizarro, indifferente aos clamores dos seus companheiros e á voz da sua propria consciencia, tentava emendar o erro, que o seu orgulho offendido o impellira a praticar, e, cingindo com o diadema dos incas a frente d'uma criança filha de Atahualpa, julgou ter assim adquirido um instrumento docil dos seus projectos. Mas os Peruvianos não acceitaram o automato e proclamaram para seu soberano Manco Capac irmão de Huescar. Demais estes acontecimentos extraordinarios tinham completamente desorganizado e desmoralizado o imperio, e uma anarchia horrivel reinava por toda a parte. Em cada provincia um regulo se levantava, e o governador de Quito, depois de ter assassinado o irmão e os filhos de Atahualpa, proclamava a independencia do antigo reino de Quito, fundido, como dissemos, havia pouco tempo, na vasta unidade do imperio peruviano.

(1) Para livrar o seu paiz da infamia de ter praticado tal crime.

Desenvolve-se agora de novo a energia e a audacia do caracter multiplo de Pizarro. Sem perda de tempo avançou para Cuzco. É verdade que não precisou de mostrar a mesma intrepidez temeraria, porque, além de saber já o caso que devia fazer dos exercitos indigenas, a noticia das riquezas do Perú trouxera-lhe ás fileiras tão grande reforço, que, depois de guarnecer o forte de S. Miguel com um destacamento numeroso collocado ás ordens de Benalcazar, pôde ainda romper a marcha com um exercito de quinhentos homens, verdadeiro exercito de Xerxes para quem estava habituado a dispôr apenas d'um punhado de soldados.

As batalhas, em que destroçou as forças indigenas que tentavam oppôr-se á sua marcha, nem merecem narrar-se. Quatro ou cinco hespanhoes mortos e outros tantos feridos eram o preço habitual porque elle comprava o desbarate completo, e a mortandade immensa dos peruvianos. Depois de vencer estes frageis obstaculos, entrou socegadamente em Cuzco, onde encontrou riquezas que lhe saciariam amplamente a cobica, se essa paixão ignobil fosse, n'aquelle caracter ardente, susceptivel de ser saciada.

Entretanto Benalcazar não ficava ocioso na sua guarnição de S. Miguel. Reforçado por um novo bando de aventureiros, que veio do Panamá, pôde deixar na cidadella um destacamento sufficiente, e marchar com o resto das suas tropas contra a cidade de Quito. Obstaculos maiores tinha elle a vencer do que o seu chefe, não só os que lhe offerencia o terreno agreste e pantanoso do norte do imperio, como tambem os que lhe eram oppostos pelo rebelde governador, general mais habil do que os seus compatriotas, e que dispunha das melhores tropas do Perú. Tudo o hespanhol superou, porque era official energico e valente, e entrou victorioso em Quito. Comtudo ali o esperava um grande desapontamento. Conhecedores já da insaciavel cobica dos hespanhoes, os peruvianos haviam imaginado logral-os, e, fugindo, tinham levado comsigo todos os seus thezouros.

Um novo acontecimento veio surprehender Benalcazar. O governador de Guatemala, Pedro de Alvarada, allegando que o reino de Quito não entrava na jurisdicção de Pizarro, invadira-o pelo norte, e superára tambem com as suas tropas terriveis obstaculos, affrontára igualmente perigos e intemperies. Soube Pizarro do acontecido, e enviou contra elle Almagro. Começavam os cães a rosar em torno do osso. Comtudo desta vez limitaram-se a mostrar os dentes. Benalcazar juntou-se a Almagro, e, ou porque Alvarado julgasse que não podia oppor-se com as suas tropas fatigadas aos dois corpos inimigos (inimigos já!) ou porque cedesse aos conselhos de pessoas prudentes, consentio em retirar-se, recebendo como indemnisação a quantia de cem mil pesos.

Mas a discordia fermentava por toda a parte, a velha inimidade, que o procedimento de Pizarro em Hespanha originára entre elle e Almagro, adormecida durante algum tempo pela necessidade de debellar o inimigo commum, recomeçava a accender-se. Fernando Pizarro fôra, como dissemos, enviado á Hespanha, e as immensas riquezas, de que era portador e que deviam entrar no thesouro regio, asseguraram-lhe um acolhimento distinctissimo. Carlos V, sem ser Danaé, re-

cebia com o seu mais amavel sorriso, o Jupiter que lhe desabava da America, envolto n'uma chuva d'ouro. Todas as honras e recompensas pedidas lhe foram dadas, tanto mais quanto a generosidade nesse ponto nada custava a Sua Magestade Imperial. Confirmou Pizarro em todas as suas dignidades e privilegios, e concedeu-lhe jurisdicção sobre mais setenta leguas para o sul. Se Pizarro lh'o pedisse, seria capaz de lhe conceder até jurisdicção sobre a lua. Almagro não foi desta vez olvidado, e teve um governo de duzentas leguas tambem para o sul da do seu companheiro. Chegaram ao Perú uns vagos rumores deste caso, e logo Almagro, dizendo que entrava Cuzco nos limites do seu novo governo, pretendeu apoderar-se d'elle. João e Gonçalo Pizarro oppozeram-se a isso, e a questão ia sendo cortada pelo gume das espadas, quando Francisco appareceu, e teve artes de se reconciliar com Almagro, com a condição deste emprender a conquista do Chili, devendo ser indemnizado com uma porção do Perú, se fosse infeliz na empreza.

Ainda neste periodo de socego, que precedia a tempestade, se nos revela, como um lampejo de céo azul entre duas nuvens, uma das grandes qualidades de Pizarro. Administrador por instincto, como por instincto era general e diplomata, o nosso heroe divide a sua conquista em varios districtos, nomeia governadores, estabelece um corpo judicial, organisa o trabalho das minas, promulga decretos sobre o modo como os Indios devem ser tratados, e como se devem lançar e arrecadar os tributos, funda Lima no delicioso valle de Rimac, e nessa nova capital edifica para si um magnifico palacio, em torno do qual os seus opulentissimos officiaes, erguendo casas de magestosa apparencia, fazem logo da cidadinha nascente uma Genova americana.

Era necessario tambem dar alimento á actividade inquieta dos seus companheiros, decididos todos a juntarem em pouco tempo fabulosas riquezas. Para isso Pizarro consentio que os seus subalternos se dispersassem para tomarem posse das varias provincias do imperio, e d'essa fórma dispersou as suas tropas por tão vasto paiz. Pagou caro essa imprudencia. Manco Capac, vendo o descuido dos seus oppressores, arvorou o estandarte da revolta, e assassinando quantos hespanhoes isolados encontrava, marchou com um exercito de duzentos mil homens contra Cuzco onde estavam os tres irmãos do governador, João, Gonçalo e Fernando (que voltára havia pouco de Hespanha á testa de cento e setenta homens.) Ao mesmo tempo um corpo consideravel cercava Lima, onde estava em pessoa Francisco Pizarro.

Em Cuzco desenvolveram os Peruvianos toda a energia de que eram capazes. Combatendo debaixo dos olhos do seu inca, faziam prodigios de valor temerario, e affrontavam a morte com desespero. Mas o valor e a disciplina hespanhola triumphavam sempre, apesar das desastradas imitações que os Peruvianos faziam do seu modo de combater, e das suas tentativas para usarem tambem das armas dos seus inimigos. Isso de nada lhes servio: só o seu prodigioso numero d'alguma cousa pôde valer, porque, apesar da heroica defesa dos tres Pizarros, Manco Capac tomou posse de metade da sua capital.

Foi então que appareceu Almagro diante das

murallas de Cuzco. Almagro, que no Chili encontrára uma nação cem vezes mais bellicosa do que os Peruvianos, a nação araucana, que sustentára contra elles rudes combates, e que as novas da insurreição do Peru haviam feito retrogradar, mais talvez na esperanza de se aproveitar dos despojos dos seus companheiros, do que de os socorrer n'aquelle grande perigo.

Isso mesmo presentiram os tres irmãos. Caso singular que pinta melhor do que tudo quanto se podesse dizer a indole d'esses aventureiros e o caracter d'essa conquista. Um punhado de Europeus estão em paiz inimigo a milhares de leguas da sua patria, cercados por um exercito innumeravel. Reduzidos á ultima extremidade vêem apparecer no horisonte um destacamento dos seus compatriotas, e, em vez de darem graças ao céo, de se alegrarem, de tirarem as portas da fortaleza, como os nossos defensores de Dio quando D. João de Castro apparece com o prometido socorro, em vez de se entregarem a essas demonstrações tão naturaes de regosijo, preparam-se em silencio para um novo e mais terrivel combate, e julgam a cada instante ver as fileiras dos Indios engrossadas com os seus recém-chegados compatriotas.

Almagro, pela sua parte, avançava lentamente, calculando os prós e os contras das differentes resoluções que podia tomar. Os Indios tomaram afinal a iniciativa. Sabedores das discordias que lavravam entre os seus vencedores tinham querido aproveitá-las e tinham feito diversas propostas a Almagro, que sempre as repellira. Afinal tentaram uma noite surprehendê-lo. Almagro vio-se na necessidade de se pôr em defesa, e destroçou o exercito peruviano fazendo-lhe immensa mortandade. Desta fórma achou-se Cuzco descercada.

Mas os Pizarros tinham fugido de Scylla e caído em Charybdes. Almagro, homem generoso e affavel, tinha sympathias na guarnição de Cuzco, desgostada com a altivez rude do seu chefe. Uma noite as sentinellas da cidade deram-lhe entrada, uma parte das forças defensoras pronunciou-se a seu favor, a outra parte teve de ceder, Fernando e Gonçalo Pizarro (João morrera durante o cerco) foram presos, e Almagro reconhecido governador de Cuzco, cidade que elle, mais do que nunca, á vista dos documentos que ultimamente recebera d'Hespanha, dizia estar situada dentro dos limites da sua jurisdicção.

(Continua)

O antigo editor do **Panorama**, desejando proporcionar aos actuaes srs. assignantes, e mesmo a quaesquer outras pessoas que o não sejam, a maneira de poderem possuir, sem grande sacrificio a collecção completa deste interessante jornal, que conta hoje **15 volumes** publicados, deliberou, para esse fim, abrir nova assignatura, não alterando o preço que teve a antiga, sendo o custo de cada volume broxado 1200 réis, e encadernado 1600 réis, isto unicamente para aquelles que se inscreverem como assignantes. As pessoas que assignarem para esta obra receberão um ou mais volumes cada mez, conforme melhor lhes convier, sendo o importe dos mesmos pago no acto da entrega. E as que tenham a collecção do **Panorama** incompleta, podem da mesma forma assignar para os volumes que lhes faltarem, bem como para qualquer numero que lhes faltar.

As assignaturas fazem-se nos seguintes locais:

Rua Aurea n.º 132 e 134: na redacção do PANORAMA, rua do Thesouro Velho n.º 6; e em todas as mais livrarias.

Em Braga, Porto, Coimbra e Vianna, em todas as livrarias.

De quaesquer outras terras do reino podem dirigir-se, em carta franca, com o importe da assignatura em valles do correio, ao antigo editor, rua Aurea n.º 132. accresce ao preço da assignatura, o porte do correio que é de 250 para os volumes em broxura e 310 réis para os encadernados.